

Teses de doutorado da UERJ recebem Prêmio Capes

Pela autoria e defesa em 2013 da tese de doutorado “Uma genealogia de princípios de demofilia em concepções utópicas de democratização”, Thais Florêncio de Aguiar, sob a orientação do professor César Augusto Coelho Guimarães, do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da UERJ, ganhou o Prêmio CAPES de Tese 2014, na área de Ciência Política e Relações Internacionais. A cerimônia de entrega do prêmio acontecerá no dia 10 de dezembro, na sede da CAPES, em Brasília. À autora da tese serão concedidos: certificado, medalha e bolsa de pós-doutorado. O orientador receberá certificado, medalha e R\$ 3 mil para participação em congresso nacional. Para o recebimento do prêmio, a autora e o orientador terão as despesas com passagens aéreas e diárias custeadas pela CAPES. Ao Programa de Pós-graduação será emitido certificado de premiação.

O prêmio é concedido anualmente desde 2005, com base nos quesitos originalidade e qualidade para a melhor tese de cada uma das 48 áreas do conhecimento, defendida e aprovada em cursos de pós-graduação reconhecidos pelo MEC. A tese de Thais Aguiar discute princípios de democratização, tendo em conta concepções do filósofo seiscentista Baruch Spinoza, cuja obra fornece o preceito fundamental de que o pensamento político da modernidade se constitui em torno do medo da multidão. A partir desse pressuposto e da investigação dos subsídios teóricos que de algum modo constituem o pensamento de democratização, a tese propõe o conceito de demofilia, como fundamento de toda comunidade política – sobretudo, daquela que se diz democrática –, resgatando a noção de philia (cuja tradução do grego, mais



que “amizade”, abarca também “civilidade”, por exemplo), e figurando o referido conceito como o ideal a partir do qual não só se deve julgar a vida política, como se deve superar noções democráticas de natureza hegemônica liberal, ampliando o horizonte de pensamento sobre a democracia.

Para a vencedora, o interesse pelo tema tem a ver com a sua trajetória pessoal: “Como muitos jovens de origem pobre da minha geração, vivi a infância e a adolescência em favela e estudando em escola pública, onde, apesar do franco processo de degradação que sofrera ao longo das décadas de 1980 e 1990, felizmente, pude encontrar professores dedicados que contribuíram decisivamente para a minha formação. O meu interesse pela Filosofia e pela Teoria Política está no fato de poder encontrar nelas meios de compreender os paradigmas de pensamento que nos cercam e que contribuem para determinar condições de vida – quase sempre muito desiguais. A democracia, em especial, é um tema que precisa ser revisitado, porque há muita disputa em torno de seu sentido e seu uso é muitas vezes ideologizado”.

Além do prêmio principal, a CAPES confere, na mesma oportunidade, Menção Honrosa a trabalhos

que mereçam destaque no concurso. Foi o caso da tese “Efeitos adversos da poluição atmosférica em crianças e adolescentes devido a queimadas na Amazônia: uma abordagem de modelos mistos em estudos de painel”, escrita e defendida por Ludmilla da Silva Viana Jacobson e orientada pelo professor Antônio Carlos Ponce de Leon, do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da UERJ.

Formada em Estatística pela UERJ, Ludmilla Jacobson pesquisa temas ligados à Saúde Coletiva desde a Iniciação Científica, quando já fazia pesquisa na Fundação Oswaldo Cruz: “A ideia de fazer o doutorado surgiu quando procurei o professor Antonio Carlos, do IMS, para me ajudar na análise dos dados já coletados em trabalho desenvolvido sobre a Amazônia, depois do meu mestrado, juntamente com a professora Sandra Hacon, da Fiocruz. O professor Antonio Carlos teve um peso muito grande na minha decisão de fazer o doutorado na UERJ. Com a análise, uma etapa bem complicada e que exigiu muito cuidado, aprendi muito. A Menção Honrosa que foi conferida pela CAPES é, sem dúvida, o reconhecimento de muito esforço, muita dedicação e muito amor por essa pesquisa”.

Editora da UERJ tem mais um livro premiado no Prêmio Jabuti

Pelo quarto ano seguido, a Editora da UERJ teve um dos seus livros indicados à edição do Prêmio Jabuti. Em 2014, o livro *Ciência do futuro e futuro da ciência: redes e políticas de nanociência e nanotecnologia no Brasil*, de Jorge Luiz dos Santos Junior, concorreu na categoria Ciências Exatas, Tecnologia e Informática, na qual ficou em terceiro lugar. Para o professor Italo Moriconi, editor executivo da EdUERJ, é importante “assinalar que nos últimos quatro anos estivemos sempre entre os indicados ao Prêmio Jabuti. A premiação fortalece muito a marca de qualidade acadêmica dos lançamentos da editora. O Prêmio Jabuti tem prestígio, não apenas para o autor, como também para o Editor”.

Este é o primeiro livro de autoria exclusiva do professor Jorge Luiz, do Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal do Espírito Santo, onde é responsável por disciplinas nas áreas de Economia e Gestão da Inovação. Segundo ele, que já organizou outro

volume que trata de temas relacionados ao desenvolvimento regional, “desde a concepção da ideia e seus contornos até a finalização da obra passaram-se aproximadamente quatro anos. Muita leitura, muitos *insights*, muitas conversas”.

O livro *Ciência do futuro e futuro da ciência: redes e políticas de nanociência e nanotecnologia no Brasil* é resultado de pesquisas realizadas durante o período de doutoramento no Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O professor Jorge Luiz informa que “o conteúdo versa sobre o desenvolvimento da área de nanotecnologia e nanociência no Brasil, passando pelas políticas públicas de fomento ao setor e abordando as potenciais aplicações e os riscos associados. Mas o cerne da abordagem está na conformação de redes de pesquisadores e redes científicas, seus domínios e as repercussões disso sobre os rumos das pesquisas na

área, sobretudo no Brasil”. Ele acompanha o tema desde 2007, sempre em contato com a Rede Brasileira de Pesquisa Nanotecnologia, Sociedade e Meio Ambiente (Renanosoma): “Analisar os diversos discursos, participei de debates, às vezes acalorados, analisei os atores. O livro é fruto de um amplo processo de observação, reflexão e análise. Acho que o bom resultado deve-se em boa medida à utilização da Análise Estrutural de Redes Sociais, e aqui agradeço ao CNPq por ter me proporcionado uma estada na Universidade de São Paulo, enquanto bolsista sanduíche.

Para o professor, receber o Prêmio Jabuti é o reconhecimento do esforço empreendido na produção do livro: “É muito gratificante todo o reconhecimento que o trabalho vem recebendo. É um trabalho árduo e com continuidade”. A cerimônia de entrega de troféus do Prêmio Jabuti 2014 será realizada no dia 18 de novembro no Auditório Ibirapuera, em São Paulo.

Professora do IBRAG é condecorada com Medalha Tiradentes da Alerj

Membro de quatro Academias de renome – eleita em 2004 para a Academia Nacional de Medicina; em 2006 para a *Académie Nationale de Médecine*, na França; em 2013 para a Academia Brasileira de Ciências; e em 2014 para a Academia Europeia de Ciências e Artes –, Eliete Bouskela, professora do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes da UERJ, foi condecorada no dia 15 de outubro com a Medalha Tiradentes, considerada a mais importante comenda da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. A cerimônia ocorreu no Plenário Barbosa Lima Sobrinho, na própria Alerj.

Criada por meio da Resolução 359/1989, a Medalha foi desenhada para a comemoração do bicentenário da morte de Tiradentes em 1992 e possui o mesmo nome do prédio que abriga o parlamento fluminense, construído no local da antiga Cadeia Velha, onde o alferes aguardou a leitura de sua condenação.



A medalha é destinada a personalidades e instituições que tenham prestado relevantes serviços à causa pública.

A professora Eliete Bouskela foi indicada pela deputada Graça Pereira: “A parlamentar visitou o nosso laboratório para conhecer o trabalho que desenvolvemos para o tratamento da obesidade em crianças e adolescentes. Segundo a deputada, o seu interesse pelo tratamento se deveu à sua atuação com creches. Pouco tempo depois, a assessora dela entrou em contato comigo para comunicar que eu havia sido indicada para receber a Medalha e, em seguida, para me dar a

notícia de que a minha indicação havia sido aceita pela Alerj. Fiquei muito feliz com esse reconhecimento, público, que permitiu mais visibilidade ao trabalho do Laboratório e da Universidade”, relata a homenageada, que é professora da UERJ desde 1977, onde criou em 1994 o Laboratório de Pesquisas em Microcirculação (LPM), reinaugurado em 2009 como Laboratório de Pesquisas Clínicas e Experimentais em Biologia Vascular (BIOVASC), ligado ao Departamento de Ciências Fisiológicas (DCF) do IBRAG.

Atualmente, ela coordena a Pós-graduação em Fisiopatologia Clínica e Experimental (FISCLINEX), um programa multidisciplinar voltado para a solução de doenças crônicas, como obesidade, diabetes e hipertensão, que exigem a integração de diversas especialidades. A professora também é presidente do Conselho Superior e coordenadora da área de Saúde na Faperj.

Victor Hugo Pereira Rodrigues

Graduando, Engenharia Elétrica com Ênfase em Sistemas Eletrônicos

Como se deu a sua escolha pelo curso de Engenharia Elétrica na UERJ?

Passei a gostar muito de Física por causa de um professor, Marcelo Soares, que dava aula para a minha turma no curso pré-vestibular. Eu era muito fraco nessa disciplina: por causa dela, não havia passado para nenhuma universidade no ano anterior. Esse professor, percebendo o meu interesse e a minha dificuldade, passou a me emprestar livros, a me ajudar a entender a matéria. A conselho dele prestei vestibular não só para Física, mas também para Engenharia Elétrica, que exige um bom conhecimento dessa disciplina. Passei para Física, no vestibular da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e para Engenharia no vestibular da UERJ. Acho que por influência do meu pai e de outros parentes meus que são eletricitas, acabei optando pela Engenharia Elétrica.

E como foi chegar à Universidade?

Fui o primeiro da minha família a ingressar numa universidade. Minha mãe tem o ensino médio e meu pai chegou até a antiga 8ª série ginásial. Cheguei sedento, querendo aproveitar ao máximo as oportunidades que viessem. Logo que cheguei à UERJ, conheci colegas que participavam do Centro Acadêmico de Engenharia e logo me interessei pela militância estudantil. Era uma maneira de conhecer de perto a Universidade e participar mais ativamente das discussões sobre as questões e as decisões que envolvem os estudantes. Foi uma experiência fundamental para a minha formação. Aliás, foi por causa de uma atividade do CAEng que conheci o meu orientador. Eu voltava de uma visita que promovemos para os calouros do curso no Clube de Engenharia, quando o encontrei no metrô, nem sabia direito quem ele era. Só sabia que ele trabalhava na Faculdade de Engenharia. Puxei conversa, porque queria saber como me

Estudante do 9º período do curso de Engenharia Elétrica com Ênfase em Sistemas Eletrônicos, do campus Maracanã, Victor Hugo Rodrigues foi o único aluno de graduação a ter seu trabalho selecionado para o 13º Workshop Internacional sobre Sistemas de Estrutura Variável, ocorrido entre 29 de junho e 2 de julho em Nantes, na França. O trabalho foi produzido em coautoria com o seu orientador de Iniciação Científica, o professor Tiago Roux de Oliveira. Recentemente, o aluno recebeu Menção Honrosa por outro trabalho também realizado em coautoria com o seu orientador, apresentado no XX Congresso Brasileiro de Automática (CBA), realizado entre 20 e 24 de setembro, em Belo Horizonte (MG). O trabalho foi considerado um dos quatro melhores do Congresso. Ingressado na UERJ pelo Sistema de Cotas, o aluno conta nesta entrevista um pouco da sua trajetória na Universidade.



ANDRÉIA REGO

candidatar para participar de um projeto de Iniciação Científica. A partir dessa conversa, não só descobri que ele era professor e que tinha um projeto de IC, como acabei entrando para a pesquisa dele.

Em que consiste o trabalho “Sincronização Caótica Aplicada à Comunicação Segura via Controle por Modos Deslizantes e Observadores da Norma” que o levou a participar do evento em Nantes, na França?

O trabalho consiste em aproveitar a não-periodicidade e alta sensibilidade às condições iniciais de sistemas de natureza caótica para enviar mensagens codificadas (caoticamente) e, com isso, garantir mais segurança na transmissão de informações, no caso de haver alguma interceptação intrusa. Em engenharia de controle, sistemas são modelos matemáticos com algum comportamento físico. Os sistemas podem representar comportamentos elétricos, eletrônicos, mecânicos, térmicos, fluidicos, químicos e outros, por meio de equações lineares, não-lineares, integrais, de diferença, entre outras. Quando o sistema é modelado por equações não-lineares, ele também recebe o nome de não-linear. E

os sistemas caóticos são sistemas não-lineares, que geram sinais não representáveis por funções analíticas padrões, que não possuem periodicidade, e cujos sinais apresentam uma evolução (com respeito ao tempo) fortemente dependente das condições de inicialização (sensibilidade às condições iniciais do próprio sistema). A pesquisa mostra que, uma vez havendo a sincronização dos dispositivos caóticos (transmissor e receptor), é possível resgatar mensagens no receptor que foram criptografadas pelo transmissor. A sincronização que fazemos utiliza uma quantidade reduzida de sensores, graças ao uso de observadores de norma propostos. Os observadores de norma permitem a troca de menos variáveis de estado (informações) entre os circuitos de transmissão e recepção (para o estabelecimento da sincronização e transmissão/recuperação de mensagens), garantindo um sistema de comunicação mais seguro, uma vez que o grau de vulnerabilidade é diminuído. Ou seja, mesmo que uma mensagem seja interceptada, a informação não poderá ser decodificada, tendo em conta que ela só pode ser entendida pelo circuito receptor com a chave criptográfica apropriada, em geral escolhida como um parâmetro do sistema caótico considerado.

Continuação da página 3

Como foi a experiência de apresentar o seu trabalho fora do país, como único pesquisador em nível de graduação?

Foi inesquecível! Quando recebi a notícia da aprovação do trabalho nesse congresso, muito renomado, entrei em contato com o meu orientador – que está na Universidade da Califórnia (EUA), usufruindo da bolsa de pós-doutorado que ganhou ao vencer o Prêmio Capes de Tese –, e ele disse que talvez não pudesse ir. Mesmo assim, ele insistiu para que eu fosse apresentar o trabalho, argumentando ser do meu merecimento, tratar-se de uma experiência importante para minha carreira acadêmica, como também de uma oportunidade de dar visibilidade à UERJ num destacado congresso internacional. Tendo em conta o ineditismo do trabalho e a minha condição de aluno cotista (sem recursos financeiros para um gasto desse porte), a Universidade custeou a minha viagem para participar do congresso. O trabalho causou boa impressão: uma congressista, cuja nacionalidade esqueci-me de perguntar – falávamos todos em inglês –, ficou surpresa ao saber que aqui no Brasil lidamos com um tema tão complexo já na graduação. No congresso, pude conhecer muitos pesquisadores da área, fazer contatos e ainda conhecer outro país. Foi muito bom! De repente, eu me vi vivendo um sonho ainda maior que a minha entrada para uma universidade.

Quais são os seus planos para depois de formado?

A minha intenção é seguir a carreira acadêmica. A experiência na Iniciação Científica e o estímulo que recebi do meu orientador foram fundamentais para essa e para outra decisão: quero fazer mestrado e doutorado na UERJ. Quem sabe, viro professor e pesquisador da Universidade? Sou uma prova de que oportunidade e exemplo fazem a diferença na vida de uma pessoa. Depois que eu entrei para a UERJ, meus dois irmãos, mais novos que eu, também entraram: o Diego está fazendo Engenharia Civil e o Igor acaba de começar o curso de Engenharia Cartográfica.

Em parceria com universidade espanhola UERJ promove curso sobre azeites de oliva



Em dois dias do mês de julho, a Universidade ofereceu o curso de extensão “Introdução ao reconhecimento de azeites de oliva virgens”, em parceria com a Universidad de Jaén, da Espanha. Foram 11 horas de aula ministradas na Casa de Leitura Dirce Côrtes Riedel em Botafogo. Os especialistas Marino Uceda Ojeda (engenharia agrônômica); Sebastián Sánchez Villasclaras e María de la Paz Aguilera Herrera (ciências químicas); e Mercedes Uceda de la Maza (ciências biológicas) – todos da província de Jaén, mundialmente conhecida pela qualidade dos azeites que produz – abordaram os diversos aspectos que devem ser considerados nos processos de elaboração e de reconhecimento de azeites de qualidade (virgem e extra-virgem).

Trinta alunos, entre estudantes e profissionais da área de gastronomia, além de pessoas interessadas, acompanharam as aulas teóricas e práticas, nas quais aprenderam como degustar e avaliar amostras de azeites. Catarine Menezes, estudante do 4º período de Gastronomia na UFRJ, revela o que a motivou a se inscrever no curso: “Na faculdade, temos aula de enologia e sobre diversas outras bebidas, mas não temos nenhuma disciplina que trate especificamente de azeites. Vi nesse curso oferecido pela UERJ uma ótima oportunidade para aprender sobre um ingrediente que aprecio bastante e é essencial na culinária de diversas partes do mundo”. O

cozinheiro Kennyo Leite, do *buffet Müller Gastronomia*, em Copacabana, procurou o curso estimulado por uma mudança na culinária brasileira: “Nos últimos três anos em que trabalho diretamente com gastronomia tenho percebido que o óleo vegetal tem sido substituído cada vez mais pelo azeite de oliva. Não sei se isso se deve a um apuro no paladar do brasileiro, que agora tem mais acesso ao produto e pode apreciar seu sabor, ou a uma maior divulgação dos benefícios que o consumo regular do azeite traz à saúde. Queria entender um pouco mais sobre esse ingrediente já há algum tempo tão valorizado em nossa mesa, por isso me inscrevi no curso”.

Sobre o potencial brasileiro para a produção de azeites de boa qualidade, Sebastián Villasclaras, professor da Universidad de Jaén, explica: que “embora o Brasil ainda se apresente como grande importador de azeite, sobretudo daquele produzido nos países da União Europeia, é um país que pode desenvolver um cultivo promissor, já que possui regiões com as características climáticas propícias: áreas montanhosas com altitudes acima de 1.000 metros em Minas Gerais e São Paulo e áreas com clima subtropical temperado ao sul. A produção e o reconhecimento de um bom azeite envolvem muitos detalhes e Jaén tem tradição nessa expertise. Foi isso que viemos compartilhar com os brasileiros”.



Reitor: Ricardo Vieira Vice-reitor: Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virginia Moreira Informe UERJ – Edição de texto: Graça Louzada Apuração: Fausto Jr. e Lorena Forti, Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e editoração: Rafael Bezerra • Tiragem: 1.000 exemplares Impressão: Gráfica UERJ • Contato: comuns@uerj.br